

Território, museus e sociedade: práticas, poéticas e políticas na contemporaneidade

Resenha de:

CHAGAS, M. S.; PIRES, V. S. (org.). **Território, museus e sociedade: práticas, poéticas e políticas na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: UNIRIO; Brasília: Ibram, 2018.

Lucas Barros

Graduando em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO com interesse nas áreas de comunicação museológica, público em museus e museologia.

Quérem-Hapuque

Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO com interesse nas áreas de documentação, organização de acervos e conservação.



Onde o museu se instala na atualidade? Segundo Maria Célia Santos, “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local convivendo dialeticamente.” As ordens global e local são organicamente distintas, mas há aspectos de uma presente na outra. A ordem global existe e sempre estará faminta para interferir nos interesses locais. Como o museu e a sociedade se colocam em meio a esses conflitos? Essa e outras questões estão presentes na mais nova publicação da **Coleção Museu, Memória e Cidadania**, que integra o programa editorial do Ibram, organizada pelos museólogos e professores Mário de Souza Chagas e Vladimir Sibylla Pires.

Com um grupo formado por estudiosos, profissionais sensíveis, pesquisadores perseverantes, amantes de museus, a obra “**Território, museus e sociedade: práticas, poéticas e políticas na contemporaneidade**” vem trazer sua contribuição para o campo da museologia.

Numa mistura de inquietações, novos olhares, questionamentos singulares, para fazer-nos refletir sobre o formato dos museus na atualidade e a integração da sociedade no processo de composição do registro da memória, a obra traz um retrato da realidade da prática museológica na atualidade brasileira, descrevendo os conflitos presentes em territórios e como isso transforma as relações.

Em uma de suas entrevistas, a cantora Nina Simone diz que é dever de um artista refletir os tempos. Engajada na luta pelos direitos civis dos negros nos EUA durante as décadas de 50 e 60 do século passado, sua trajetória está diretamente alinhada à história política do país. Neste sentido, o pensamento de Nina nos transporta ao questionamento: como criar algo que não esteja minimamente refletindo um momento histórico, um conjunto de saberes e valores, uma tomada ou não de partido? Como criar algo alheio ao tempo em que vivemos nesse momento crucial que é o presente apresentado? Impossível.

Tantos outros artistas, pensadores, cientistas, acadêmicos e todos aqueles que produzem algo geram, no seu fazer, o reflexo do seu tempo e, por isso, determinadas

coisas tornam-se importantes, pois carregam consigo marcas e significados intrínsecos a uma narrativa histórica.

Valendo-se da data comemorativa de criação do Movimento Internacional para uma Nova Museologia - MINOM, cuja necessidade de criação buscou romper com as tradições da área, entre 1984 e 1985, e tentando compreender e inserir as discussões museológicas na efervescência causada pelas manifestações populares de 2013 e 2014 ocorridas no Brasil, em pleno momento de megaeventos (Copa e depois Olimpíadas), os professores Mario de Souza Chagas e Vladimir Sibylla Pires organizaram o seminário “Território, museus e sociedade: práticas, poéticas e políticas na contemporaneidade” entre os dias 13 e 16 de outubro de 2014, contando com o apoio do Departamento de Estudos e Processos Museológicos - DEPM e da Escola de Museologia da UNIRIO. Os textos e discussões do seminário deram origem ao livro com mesmo título, organizado como uma coletânea e contando com outras contribuições textuais que endossam ainda mais a temática.

A coletânea conta com abertura e encerramento de seus organizadores, além de onze textos escritos pelos participantes daquele encontro, e a transcrição de uma entrevista concedida por **Alex Topini**, do coletivo *Filé de Peixe*, a **Carmen Maya**.

O lançamento do livro deu-se num momento complexo para a área da museologia, fazendo com que tanto o livro em si quanto a razão de sua organização ganhassem ainda mais significados e importância. O ano de 2018 foi marcado por uma série de acontecimentos que levaram o Brasil a um frenesi coletivo: o assassinato da vereadora e ativista dos direitos humanos Marielle Franco e de seu motorista Anderson Gomes; o início da corrida presidencial com o levante do discurso conservador e moralista, derrocado em situações como a facada no então candidato, e agora presidente, Jair Messias Bolsonaro, e os protestos do dia 29 de setembro por todo o país puxado por mulheres em prol da democracia e da liberdade, para citar apenas alguns casos da efervescência vivida nesse último ano.

A verdade é que, desde antes do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, observamos o caos político reverberar no sucateamento dos aparatos educacionais e culturais através de cortes orçamentários e no levante, por parte da extrema direita, às chamadas “guerras culturais”, colocando em xeque exposições, museus, professores, universidades e escolas. A museologia, sendo uma área que se debruça sobre questões envolvendo o patrimônio e a memória social, precisou posicionar-se quando um de seus maiores símbolos foi acabado: no dia dois de setembro de 2018 um dos maiores museus do país foi consumido por um incêndio que acabou com o Museu Nacional como conhecíamos.

Esse incêndio trouxe não só a museologia para a luta de fato, mas também definiu qual o lado da área na conjuntura atual. O sucateamento dos aparatos culturais e das universidades promovido por uma política de cortes do governo, e agravado na gestão de Michel Temer, escancarou essa necessidade.

Uma semana após o incêndio, houve a decisão unilateral, por parte do então Ministério da Cultura, da extinção do Ibram e da criação da Abram significando, em suma, o fim da política nacional de museus em vigor e a privatização das nossas instituições museológicas. Uma evidente manobra de se utilizar o incêndio como exemplo da necessidade de se privatizarem os aparatos culturais e educacionais. Em contrapartida, várias frentes de profissionais e alunos de museologia se mobilizaram contra essa medida provisória, que acabou sendo rejeitada pela Câmara dos Deputados. Contudo, o Ministério da Cultura foi extinto pelo atual governo, ou seja, as mobilizações pela existência dos aparatos culturais e da museologia ainda devem continuar¹.

Contextualizados por esse momento sócio-político-cultural, os textos da presente coletânea nos trazem reflexões sobre o papel ocupado pela museologia. Se no texto de **Aparecida Rangel**, *Cinema e museu: produção de imagens e mediação de discurso*, percebemos a importância dos museus e exposições na criação de narrativas que

¹ N.R.: no momento da revisão desta resenha, a área dos museus tinha sido transferido do Ministério da Cidadania para o Ministério do Turismo por meio dos decretos nº 10.107 e nº 10.108, de outubro de 2019.

compõem o imaginário de seus visitantes, assim como o cinema o faz, o texto de **Maria Célia Teixeira Moura Santos** sobre *Museologia Social e os 30 anos do MINOM* nos evidencia o compromisso que os profissionais e pensadores da área tiveram e precisam ter na ruptura com as tradições excludentes, ao passo que criam pontes para a interação e inclusão de todos no campo museal.

Já os textos de **Peter Pál Pelbart**, *O que fala através de nós*, e de **Pedro Cláudio Cunca Bocayuva**, *Museologia e o fenômeno urbano: reflexividade e recombinação para pensar o novo ciclo social*, trazem análises dos novos discursos que permeiam o museu e a sociedade e como se dá essas recombinações e abordagens.

Perceber a cidade após as políticas neoliberais utilizadas para transformar o Rio de Janeiro numa sede de megaeventos por meio de projetos como o do Porto Maravilha e os da criação do Museu de Arte do Rio - MAR e do Museu do Amanhã, como aparatos culturais e de chamariz, e depois ler o texto *Território, megaeventos e os limites do capital ao direito e à cidade no Rio de Janeiro*, de **Jadir Anunciação de Brito**, parece nos transportar a uma espécie de premonição para onde aquilo nos levaria.

A coletânea contém também textos que destacam projetos e feitos de cunho social, que partem de pessoas ou de aparatos culturais e ganham notoriedade pelo seu envolvimento com a memória e o território. É o caso do *Memória cidadã: uma construção integracional*, de **Davy Alexandrisky**, do *Um museu para experimentar* de **Camila Maria dos Santos Moraes** e de *O Centro do Teatro do Oprimido na Saúde Mental*, de **Geo Britto**.

Por fim, ainda há espaço para uma perspectiva fora do eixo territorial do Sudeste apresentada por **Carmen Maya** no texto *Território, práticas poéticas e políticas no Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba*, e para a questão indígena nos museus apresentada por **Edmundo Pereira** no necessário *Política, desentendimento e representação fonográfica entre os Tikuna*.

A abertura e o encerramento de **Mario de Souza Chagas** e **Vladimir Sibylla Pires** apresentam e amarram a série de signos presentes neste *Território, museus e*

sociedade: práticas, poéticas e políticas na contemporaneidade. Uma coletânea que é fruto do seu tempo e imprescindível em meio ao incêndio, aos sucateamentos, à extinção do Ministério da Cultura, à demonização da cultura e de quem trabalha por e com ela.

Que esta publicação, diagramada em meio às comemorações dos 200 anos de museus no Brasil, sirva a todos nós – alunos, mestres, profissionais do patrimônio, servidores, vigilantes, terceirizados, visitantes, sociedade, nação – como um marco para nos lembrar até onde o relaxamento e a ignorância podem nos levar.

E assim como Peter Pál Pelbart, que ela nos inspire sempre a nos questionarmos: “o que fala através de nós?”